

VISÃO DO CORREIO

Respeito entre as nações

A Copa do Mundo é muito mais do que uma competição esportiva. A cada quatro anos, ela transforma o futebol em uma linguagem comum, capaz de ser compreendida por pessoas de diferentes países, culturas, religiões e formas de vida. Em um mundo cada vez mais marcado por disputas políticas, desigualdades econômicas e demonstrações de preconceito e separatismo, a competição oferece uma rara oportunidade de encontro simbólico entre as nações. Dentro e fora dos estádios, povos que muitas vezes se conhecem apenas por estereótipos passam a se observar, torcer, admirar e reconhecer uns aos outros.

O futebol possui uma força especial porque combina simplicidade e emoção. Suas regras básicas permitem que crianças, trabalhadores, estudantes e idosos acompanhem o jogo com a mesma intensidade, ainda que vivam em realidades muito distintas. Durante a Copa, bandeiras, hinos e camisas nacionais expressam orgulho e pertencimento, mas também revelam a diversidade do planeta. O torcedor celebra sua própria identidade ao mesmo tempo em que entra em contato com a identidade do outro. Assim, a competição ajuda a mostrar que a diferença não precisa ser vista como ameaça: pode ser motivo de curiosidade, respeito e aprendizado.

Esse entendimento entre as nações não significa ausência de rivalidade. Pelo contrário, a Copa do Mundo é feita de disputas intensas, vitórias inesquecíveis e derrotas dolorosas. No entanto, quando a rivalidade permanece no campo do jogo, ela se converte em uma forma civilizada de coexistência entre povos geográfica, cultural, historicamente distantes. Onde mais, não sendo em uma competição assim, é possível encontrar tunisianos e japoneses, belgas e iranianos, espanhóis e árabes, uruguaios e cabo-verdianos dividindo um mesmo espaço público? E conhecer histórias de atletas de países com os quais temos pouquíssimo contato — Jordânia, Curaçao, Nova Zelândia —, e ainda torcer por eles?

Seleções se enfrentam segundo regras aceitas por todos, árbitros mediam conflitos, atletas se cumprimentam ao final das partidas e torcedores compartilham espaços públicos. A mensagem simbólica é poderosa: é possível competir sem destruir, defender a própria história sem negar a humanidade do adversário.

A Copa também funciona como uma vitrine cultural. O país-sede apresenta sua música, sua culinária, seus costumes, suas paisagens e seus desafios sociais a bilhões de espectadores. Ao mesmo tempo, recebe visitantes de todos os continentes, criando encontros que ultrapassam o calendário esportivo. Nas ruas, nos transportes, nos estádios e nas redes sociais, surgem conversas improvisadas, gestos de hospitalidade,

trocadas de lembranças e descobertas sobre modos diferentes de viver. Esses pequenos contatos não resolvem sozinhos os problemas internacionais, mas ajudam a reduzir distâncias e a humanizar povos que, muitas vezes, aparecem apenas como notícias distantes.

Além disso, o torneio revela que a identidade nacional é sempre construída em diálogo com o mundo. Muitos jogadores têm origem migrante, atuam em clubes estrangeiros e carregam histórias familiares atravessadas por deslocamentos, encontros e misturas culturais. Em campo, eles representam uma bandeira, mas também expressam a circulação global de pessoas, técnicas, sonhos e oportunidades. A Copa, portanto, lembra que nenhuma nação existe isolada: todas dependem de intercâmbios, influências e relações com outras sociedades.

É claro que a Copa do Mundo não elimina guerras, preconceitos ou injustiças. Também pode ser usada para propaganda política, interesses econômicos e disputas de poder. Em algumas edições, o clima que antecede o torneio deixa isso ainda mais evidente: protestos nas ruas, críticas à organização, tensões diplomáticas, conflitos armados, políticas migratórias rígidas e dificuldades de acesso para torcedores de determinados países mostram que a festa esportiva não acontece fora da realidade histórica. Antes mesmo de a bola rolar, o Mundial, especialmente a parte dos jogos sediados nos EUA, provocou inquietações que extrapolam o futebol e revelam as contradições do mundo que pretende reunir, com demonstrações de xenofobia e preconceito que, felizmente, não se repetiram desde que a bola começou a rolar.

Ainda assim, é justamente diante desse cenário de tensão que a Copa do Mundo revela parte de sua importância simbólica. Quando milhões de pessoas param para assistir ao mesmo jogo, mesmo de seleções que não são de seus países, quando desconhecidos se abraçam por um gol ou quando adversários reconhecem o talento um do outro, cria-se um instante de comunhão difícil de produzir por outros meios.

Por isso, o torneio tem valor para o entendimento entre as nações: ele mostra que a humanidade compartilha emoções básicas, como alegria, frustração, esperança e orgulho. Mostra também que as diferenças culturais podem conviver em uma mesma celebração global. Em tempos de fronteiras rígidas, crises diplomáticas e discursos de intolerância, o futebol recorda que o outro não é apenas rival, estrangeiro ou desconhecido; é alguém que também sofre, vibra e sonha. Nesse sentido, a Copa é uma metáfora do mundo possível: plural, competitivo, imperfeito, mas capaz de reconhecer no encontro entre povos uma oportunidade de respeito, diálogo e paz.



LETÍCIA MOUHAMAD

leticiamouhamad.df@cbnet.com.br

Memórias de outras Copas

Os torcedores fiéis que me perdoem, mas, quando o assunto é Copa do Mundo, sinto-me desiludida. Uma desesperança crônica. Não me contagio com o momento do Hino, tampouco acredito em um resultado que seja, de fato, emocionante. Apesar de nadar contra a maré verde e amarela, percebo que, no geral, não há mais a mesma empolgação de antes — aquela euforia genuína acompanhada de um sentimento coletivo de orgulho, sabe? Falta algo.

É como se, em conversas triviais do dia a dia acerca do assunto, pairasse uma espécie de acordo coletivo no qual quase todos fingem acreditar em uma vitória. Afinal, em alguns ambientes, pode soar de mau tom descreditar a Seleção, conforme me alertaram. Nesse contexto, o “bora, Brasil” e o “vem, hexa” vão sendo sustentados com o mesmo ânimo que exala um trabalhador CLT ao retornar para casa às 18h em um ônibus lotado.

Longe de mim desanimar quem realmente tem fé. Opapo aqui é com e para aqueles que, mesmo não sendo chegados em futebol, viam no campeonato a oportunidade de juntar a família, fazer barulho com vuvuzelas ou reproduzir dancinhas que se tornaram icônicas para a época, como o *Waka Waka*, da Copa de 2010, realizada na África do Sul. Se alguém me perguntar qual o hit deste ano, sinceramente, não saberei responder.

Quando a Seleção conquistou o penta, em 2002, eu tinha 3 anos. Em minha memória, guardo apenas

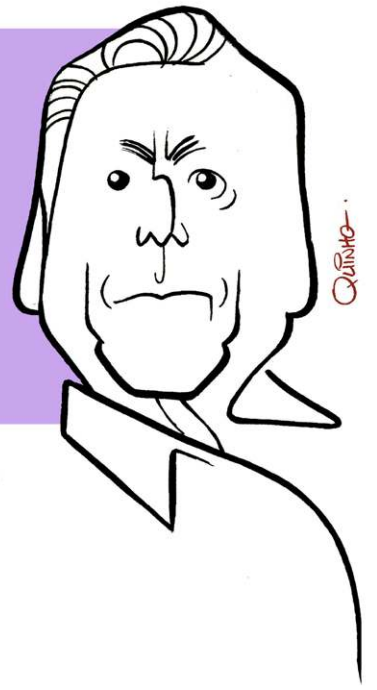
flashes da família em frente à tevê numa manhã de domingo. Mas, ao rever as fotos, bate a nostalgia e, arrisco-me a dizer, até uma certa emoção.

Em uma das imagens, já um pouco desgastada, estou posando com meu pai no quintal de nossa antiga casa. Com os trajés devidos — ele com a camiseta azul e branca e eu, com uma regata verde e amarela —, celebramos. Em meus cabelos, uma pequena bandeira improvisada como lenço. Apesar do registro simples, essa é uma das minhas fotos preferidas da infância.

Dia desses, uma colega que é mãe comentou ter tentado demonstrar ânimo com os jogos (ela foi contemplada pelo acordo coletivo mencionado acima, coitada) para acompanhar a euforia dos filhos pequenos diante do campeonato. Achei bonito. Não por acaso, vejo muitos outros pais fazendo o mesmo. Ajudando a completar o álbum de figurinhas, vestindo a camisa, pintando a rua e, na sala de casa, criando os próprios hits para a Copa.

Talvez falte a nós, adultos meio amargurados com a Seleção, o gás para seguirmos criando boas lembranças desses momentos — uma necessidade que, com o tempo, foi deixada de lado por diferentes motivos. Talvez viver a Copa seja mais do que apenas esperar pelo gol, mas também criar boas memórias com quem amamos. No fim das contas, essa é a melhor das conquistas.

“ O diabo desta vida é que, entre cem caminhos, temos que escolher apenas um e viver com a nostalgia dos outros noventa e nove.



Fernando Sabino
Escritor, professor e jornalista brasileiro
1923-2004

» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Quem paga a conta

Mais um escândalo milionário envolvendo dinheiro público. A bagatela de R\$ 81 milhões! Uma quantia — descontos na folha de pagamento de servidores do GDF — que poderia melhorar escolas, hospitais, transporte e segurança. A máquina pública parece ter sempre uma brecha, um atalho, um “jeitinho” para quem sabe onde enfiar a mão. Enquanto as autoridades entram e saem dos gabinetes, os advogados dão entrevistas e os suspeitos negam tudo, o cidadão comum olha para o contracheque, para os preços no supermercado, para as filas nos postos de saúde e entende perfeitamente quem paga a conta.

» **Pacelli M. Zahler**

Sudoeste

Chuvas de junho

Segundo pesquisas/dados meteorológicos, há mais de 60 anos não chovia, no Distrito Federal, no mês do corpo e sangue de Cristo, dos namorados e das festas juninas. Cientistas apontam o caso de efeitos provocados pelo El Niño. Nada em querer bater de frente, só sabemos que nosso Todo-Poderoso reina para sempre e conhece tudo infinitamente. Declaro que gostei das chuvas de junho, e minhas singelas plantações de frutíferas — na modalidade colheitas livres e cultivadas em espaços públicos — gostaram bem em ser regadas nesse período (até então) atípico de chuvas! Em nosso Quadrado, observamos como o verde foi revigorado, dando mais vida ao inverno frio e seco. Há coisas na Mãe Natureza que, às vezes, deixamos de lado e ofuscamos algumas cabíveis e boas reflexões; há coisas que podem parecer óbvias, mas sabemos que nossa vida é misteriosa: ora vem com momentos difíceis, ora se mostra assim dengosa! Para Deus, por conseguinte, tudo é possível! Que Nossa Santíssima Trindade abençoe nosso país e desça luzes aos governantes e a nós contribuintes de impostos, alertando aos Poderes da República o perigo de tantas inversões de valores!

» **Antônio Carlos Sampaio Machado**

Águas Claras

Escala 6x1

A economista Dorothea Werneck, em entrevista a jornalistas do *Correio Braziliense*, disse que está torcendo pelo dia em que a escala 6x1 vai diminuir para 4x3. Também estamos todos torcendo para o país se tornar uma “Wonderland”, um país de primeiro mundo. Pena que esse sonho esteja muito distante, pois não existe empenho dos Três Poderes para que ele seja realizado. Um país riquíssimo em território e riquezas minerais é, com raras exceções, mero exportador de produtos primários. Em vez de trens, utilizamos caminhões que trafegam em estradas esburacadas, consumindo toneladas de combustíveis importados. Qualquer criança de curso primário sabe que, para grandes distâncias, o transporte de carga é muito mais seguro e econômico com a utilização de trens. O transporte aquaviário também é deficiente, apesar do grande número de rios que o país possui. O transporte ferroviário de passageiros não existe, não temos trens de alta velocidade, trens regionais ou trens de passageiros de longo percurso. Isso nos causa decepção e inveja quando visitamos países do primeiro mundo. Talvez, o sonho se torne realidade quando acabarem os absurdos salários, penduricalhos, mordomias e corrupção nos Três Poderes, as inúteis emendas

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

O que cabe aos ministro do Supremo está na lei. O que cabe a deputados e senadores, também. Da mesma forma, são definidas as atribuições do presidente da República. É preciso parar de acusar quem ocupa esses cargos tendo como motivação interesses que não são coletivos ou legais. Este país está um caos por isso!

Paulo Santos — Asa Sul

Caso Master: terrivelmente evangélico ou terrivelmente parcial? Para adversários, busca e apreensão; para aliados ideológicos, a presunção de inocência. Está na hora de calibrar a balança da Justiça.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Ucrânia realiza o maior ataque contra Moscou desde o início do conflito, utilizando mais de 200 drones. Enquanto os presidentes se divertem, o povo vai morrendo.

Adílio da Silva — Farroupilha (RS)

parlamentares, os exagerados fundos eleitoral e partidário, além da drástica redução de ministérios e de partidos políticos. Temos de agregar, ainda, os programas sociais do governo que alimentam a pobreza, exclusivamente com fins eleitorais. Tudo isso contribui para que os recursos destinados a investimentos sejam muito baixos, inibindo a criação de emprego e geração de renda. Ou seja, enquanto o Brasil praticar essa infinidade de erros, continuará sendo um país de terceiro mundo, e o desejo de Dorothea e o nosso serão apenas um sonho.

» **Marcus A. Minervino**

Lago Sul

Infestação de escorpiões

O que os órgãos competentes vão fazer com essa infestação de escorpiões? Só dar instruções de proteção não resolve o problema e, se nada for feito para eliminá-los, esses animais perigosos só vão aumentar em número. Aqui em casa, já encontrei quatro escorpiões. Quando procurei ajuda da prefeitura, me disseram que não poderiam fazer nada e me deram uma cartilha com as recomendações sobre como agir. Isso ajuda, mas não resolve a infestação de escorpiões no Brasil inteiro.

» **Sandra Alves**

Campinas (SP)

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara E se mais mundo houera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA
Localidade SEG/SÁB DOM

DF/GO R\$ 5,00 R\$ 7,00

Assine
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anúncio
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131



D.A. Press Multimídia Atendimento pessoal para pesquisa em jornais e cópias: SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo: Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/sábados, das 14h às 21h/domingos e feriados, das 15h às 22h. Telefones: (61) 3214.1575/1582/1568. E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br